

Goodyear NEWS

Estafeta da Comunicação na Formação

Nº 12 | SETEMBRO/OUTUBRO 2012



CORPO
NACIONAL
DE ESCUTAS



“Bebé grande, insatisfeito, sempre na busca de novos brinquedos ou entretenimentos, a religião só lhe oferece sentido na medida em que vá ao encontro de necessidades ou de desejos pessoais.”

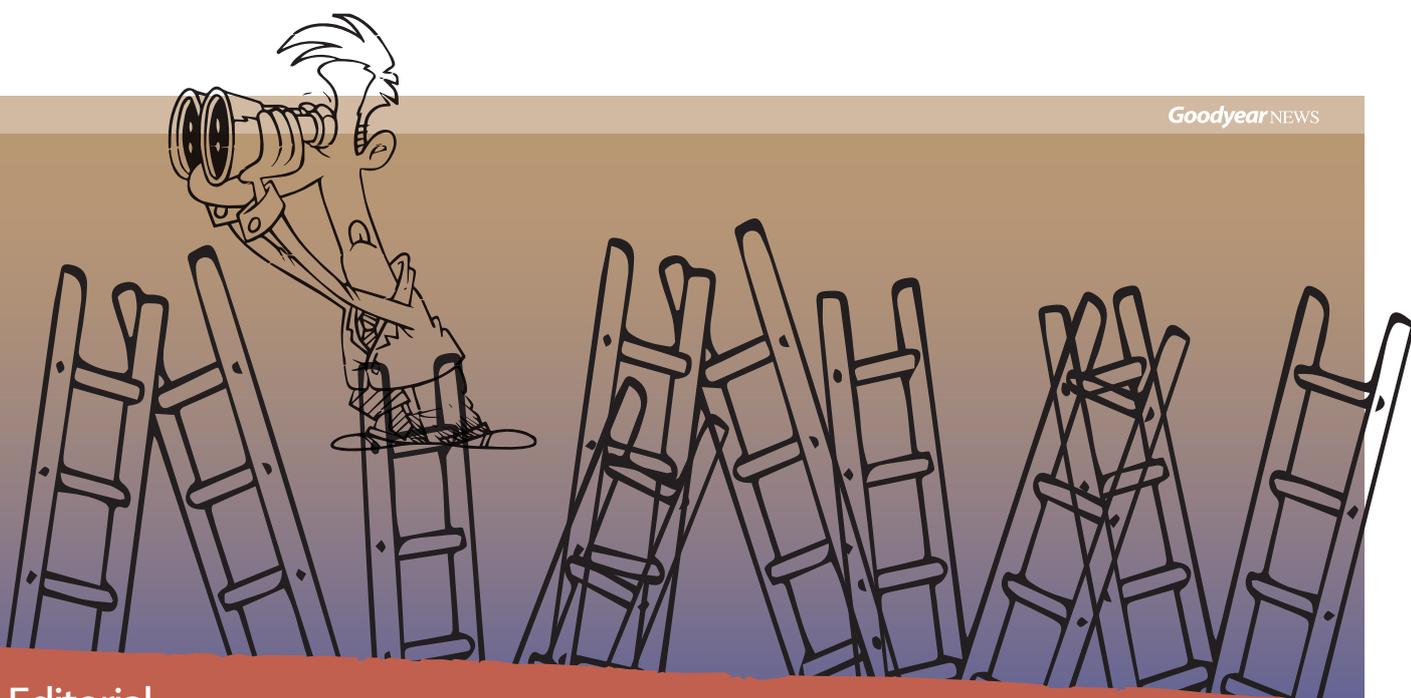
José Pereira Coutinho

Ilustração: Acácio Rouxinol



20
ANIVERSÁRIO

Borden-Powell,
Psicologia e Personalidade



Editorial

Onde repartimos o rasto do nosso pensar?

Carlos Nobre
Castor inteligente

Vivemos. Existimos. Somos.
... e comunicamos!

A centralidade das nossas pessoas, nós, tal como somos, isto é, do século, habitamos a nossa modernidade pela mediação dos nossos corpos, pela presença espontânea das nossas palavras, pelos gestos que desenhamos, pelos sinais (signos) que vamos deixando “cair” da nossa interioridade, etc... O que fica neste impasse comunicacional é uma espécie de negociação entre o nosso lado público e o nosso lado privado, nas quantidades que julgamos suficientes para nos mantermos “in” dando “outputs” suficientes, ou em linguagem culinária, q.b. (quanto baste) para nos considerarmos viventes e participantes no tecido coletivo.

Mas, e a verdade, a verdade que somos, a verdade mesmo, aquela que compromete e que nos compromete? Espezinemos por momentos o politicamente correto e deixemos que essa brisa reveladora vinda das profundidades do nosso ser murmure suavemente a nossa identidade e se manifeste. Ou... temos vergonha de nós? Do que pensamos? Do que acreditamos? Das palavras que proferimos? E por isso, calamo-nos, não participamos, não opinamos, não pegamos na caneta e não deixamos materialmente o rasto do nosso pensar! E não comunicamos! Fazemos o que era suposto supor não fazer...

É certo que vivemos numa sociedade onde o correto é o não compromisso, onde se apela para a cidadania mas nos manifestamos de “máscaras” na cara, onde se diz participação com uma chocante ausência de presença, onde se vive a democracia sem o nosso comprometimento. Construímos um regime demagógico, ignorante, sem memória, distorcido, supérfluo, cheio de interesses particulares, degradado, sem profundidade, imediatista, fazendo da vontade instrumento de poder. Tudo vale

neste paradigma “civilizacional” porque explicamos com contentamento vivermos em liberdade e em democracia e isso quer dizer superficialidade e individualismo envergonhado!

Urge por isso sermos “inconvenientes” neste paradigma civilizacional. Temos de voltar a falar uns com os outros, a partilhar as nossas experiências, a sujar os nossos pés na terra que nos sustenta e envolve, a dizer das nossas causas, a vivermos o conhecimento com sabedoria e cultura, a respeitarmos as nossas diferenças e as nossas indivisíveis entidades ontológicas, construindo de forma continuada uma comunidade de pessoas que se reconhecem, se conhecem, se estimam, se desafiam, se constroem, se dizem de si mesmos, se comunicam, se dão! Não é isto também o que significa “sempre alerta para servir”?...

Não há outra maneira de sermos ativos, participativos, cidadãos, a não ser sendo, vivendo-o...

E, enriquecemo-nos comunicando-o, partilhando-o. Também entre nós, aqui e agora, como formadores do CNE não podemos deixar que os outros falem por nós, tomem decisões por nós, preencham estas páginas por nós!

Fica o meu apelo para que cada um de nós arme a sua “escada” pessoal, a sustente com solidez, suba até aos seus últimos degraus, ao cimo, nela olhe à sua volta e partilhe o que vê!

Tudo!... e a Vida toda!



Sentinela

Taxonomia dos Objetivos Educacionais: a abordagem de Marzano

Francisco Rijo



Em 1956, Benjamin Bloom e a sua equipa (Bloom, Engelhart, Furst, Hill, Krathwohl) lançam a publicação "*Taxonomy of Educational Objectives, The classification of Educational Goals, Handbook I: Cognitive Domain*", onde é divulgada a sobejamente conhecida Taxonomia de Bloom para o Domínio Cognitivo. A finalidade desse trabalho era conceber um modelo que permitisse aos educadores desenhar Objetivos Educacionais, de acordo com uma organização hierarquizada.

Bloom preconizava então um conjunto hierarquizado de seis níveis de processos de raciocínio, de grau de complexidade relativa crescente, sendo do mais elementar para o mais complexo:

- Conhecimento
- Compreensão
- Aplicação
- Análise
- Síntese
- Avaliação

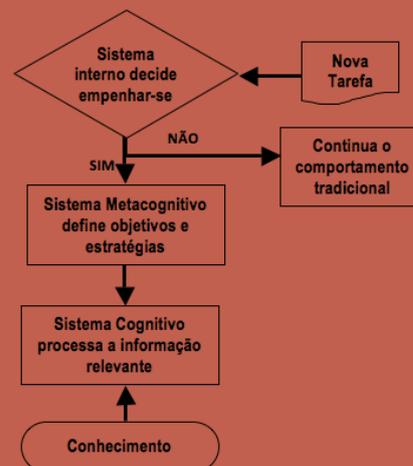
Mais tarde, em 1964, é lançada nova publicação, desta vez consignada ao Domínio Afetivo, não tendo sido elaborado qualquer trabalho no Domínio Psicomotor por parte de Bloom, por se entender desnecessário no contexto educacional de então. É Harrow quem em 1972 apresenta uma taxonomia neste domínio. Portanto, Bloom considerava três domínios do conhecimento: Cognitivo, Afetivo e Psicomotor, tendo apresentado modelos para os dois primeiros, com particular ênfase no Domínio Cognitivo.

Se de facto este modelo teve uma diminuta influência no desenho curricular, já o mesmo não poderá ser dito no que se refere ao impacto que teve no domínio da avaliação, atingindo o seu apogeu em 1965 na avaliação de eficácia do ensino elementar e secundário nos Estados Unidos, inserida no programa de luta contra a pobreza levado a cabo pelo Presidente Lyndon Johnson.

Todavia o modelo de Bloom apresentava problemas, que eram aliás reconhecidos pelo próprio autor. Como principais críticas ao modelo desenvolvido no âmbito do Domínio Cognitivo, salienta-se que:

- A hierarquia dos níveis é discutível. É duvidoso que a análise preceda a síntese ou vice-versa. De igual modo a Avaliação no topo da complexidade é contestada por vários autores. Num processo de resolução de problemas, a Avaliação poderá constituir-se como o prelúdio de outra fase mais complexa. Portanto, se os três primeiros níveis estão bem desenvolvidos e dissecados, já os três últimos se confundem e misturam.
- O sistema proposto é heterogéneo no sentido em que confunde e mistura na sua categorização a tipologia de conhecimentos com os processos mentais que o operam.
- Os vários níveis não se excluem mutuamente, não sendo possível estabelecer uma fronteira clara entre a análise e a compreensão, ou entre a análise e a Avaliação.

Não obstante o notável contributo dos trabalhos de Bloom para as teorias e práticas educativas, surge, sobretudo a partir de 1980, a necessidade de revisitar o seu modelo, devido à ênfase posta no ensino de mais elevados níveis de raciocínio e as pesquisas a ele associadas. Desde então, várias associações foram formadas com esse propósito e em 1999 Lori Anderson publicou um significativo trabalho de retrospectiva da utilização da taxonomia. Nesse mesmo ano, reúne-se um grupo de especialistas, supervisionado por David Krathwohl, que participou do desenvolvimento da Taxonomia original no ano de 1956, e em 2001, o relatório da revisão é publicado num livro intitulado "*A taxonomy for learning, teaching and assessing: a revision of Bloom's taxonomy for educational objectives*" (Anderson et al., 2001). São sobretudo os progressos no conhecimento sobre o funcionamento do cérebro, a natureza do conhecimento e a interação entre ambos, que permite lançar uma nova reflexão e um novo olhar sobre estes modelos.





Em 2001 um modelo alternativo é proposto por Robert Marzano. Esta nova Taxonomia identifica três Sistemas do Raciocínio e os domínios do Saber. Se os sistemas representam o modo como o raciocínio se coloca perante a possibilidade de uma nova aprendizagem, já o conhecimento representa o conjunto de conteúdos, objeto desse raciocínio. Assim, este modelo descreve como o ser Humano decide ou não empenhar-se numa nova aprendizagem e uma vez nela empenhado, como a informação é processada.

Este modelo permite prever um fenómeno, isto é, o modo como o raciocínio se posiciona e atua perante a possibilidade de uma nova aprendizagem, o que o torna um modelo propriamente dito, ao contrário da estrutura de Bloom, que descreve seis diferentes categorias, hierarquizadas, de processamento de informação. Analisando o modelo mais em detalhe, Marzano articula os três sistemas em seis níveis de processamento de raciocínio, e o Saber em três domínios, como a seguir se indica:



Note-se que os três domínios do Saber são transversais aos seis níveis de processamento do raciocínio, interagindo entre si. A hierarquia dos níveis de processamento do raciocínio é baseada no fluxo de processamento do conhecimento e no grau de tomada de consciência para realização de cada nível, não correspondendo de forma alguma a um crescente grau de complexidade, como era pressuposto na Taxonomia de Bloom.

Os Domínios do Conhecimento

Como acima referimos, uma das maiores críticas apontadas à Taxonomia de Bloom consiste na mistura dos vários tipos de operações mentais que atuam sobre o saber com o próprio saber, i.e. o primeiro nível é o Conhecimento (tipologia do Saber) propriamente dito, enquanto os outros níveis tratam de operações mentais. Ora o novo modelo evita esta confusão, na medida em que a Taxonomia compreende na sua disposição hierarquizada apenas os Sistemas de raciocínio, considerando o Conhecimento como o objeto dessas operações.

O sucesso de uma aprendizagem depende em grande medida da quantidade de informação (Saber) disponível. Sem informação suficiente um formando até poderá estar altamente motivado para aprender (Sistema Interno), poderá até ter estabelecido metas no processo de aprendizagem (Sistema Metacognitivo) e até recorrer a um conjunto de perícias analíticas (Sistema Cognitivo). Todavia, a menos que esse formando possua a informação necessária de suporte à aprendizagem em causa, o efeito desses processos de raciocínio será mínimo. Marzano identifica três domínios do Saber: Informação, Procedimentos Mentais e Procedimentos Psicomotores. Resume-se no quadro seguinte a articulação destes domínios, sendo de referir que para cada domínio, as diferentes categorias articulam-se com um nível de complexidade crescente:

Domínios	Categorias	
1. Informação	1.1 Detalhes	1.1.1 Vocabulário (Compreensão de termos, de uma forma geral.) 1.1.2 Factos (Informação acerca de personagens, coisas, lugares, etc.) 1.1.3 Sequências cronológicas (Eventos ocorridos entre dois momentos no tempo.) 1.1.4 Causa/efeito (Eventos que produzam uma consequência ou efeito.) 1.1.5 Episódios (Eventos específicos que compreendam tempo, lugar, personagens, duração, sequência de eventos, causa e efeito.)
		1.2 Ideias organizadas
2. Procedimentos Mentais	2.1 Perícias ("o quê")	2.1.1 Regras Simples (Do tipo: "se..., então...", isto é, relação situação-ação. Por exemplo, regras de aplicação de cedilhas, na escrita. 2.1.2 Algoritmos (sequência de instruções bem definidas e não ambíguas, que não variam na sua aplicação. Por exemplo, a adição.) 2.1.3 Táticas (Compostas por regras gerais com uma sequência geral de execução, que não apresentam grande heterogeneidade de resultados finais. Por exemplo, a leitura de um histograma, que implica sempre identificar a escala, as variáveis dos eixos, a relação entre esses elementos.)
		2.2 Processos ("como")
	3. Procedimentos Psicomotores	3.1 Perícias ("o quê")

Ainda no que se refere aos Procedimentos Mentais, as categorias poderão articular-se em dois grandes grupos: aquelas que com prática podem ser operacionalizadas de forma automática ou que com baixo nível de consciência e aquelas que requerem uma execução controlada. Regras Simples, Algoritmos e Táticas enquadram-se no primeiro destes grupos, a que chamaremos de Perícias, enquanto que os Macroprocedimentos se encontram no segundo grupo a que chamaremos de Processos.

No tocante aos Procedimentos Psicomotores, há a assinalar que, ao contrário da Taxonomia de Bloom, esta nova taxonomia opta pela sua inclusão já que considera que estes procedimentos são guardados em memória à semelhança dos Procedimentos Mentais, sendo que os processos de aquisição são os mesmos.

Vistas que foram as diferenças entre os diferentes domínios do Saber, é agora importante reter que sobre eles agem os diferentes Sistemas, que como foi já dito, constituem o coração da Nova Taxonomia, apresentando-se de forma hierarquizada em seis níveis.

Os Sistemas do Raciocínio

Antes de iniciarmos a descrição dos níveis de processamento do raciocínio da Taxonomia de Marzano, será importante fazer uma breve e ligeira incursão pelo mecanismo segundo o qual se processa a memória, para um melhor entendimento daqueles níveis.

A Memória

Segundo John Anderson (1995), podemos considerar três diferentes tipos de memória: Memória Sensorial, Memória de Trabalho e Memória Permanente. A Memória Sensorial produz o armazenamento temporário de dados captados pelos sentidos, que poderá resultar ou não em gravação permanente. A Memória Permanente contém todos os dados, perícias e processos que compõem os domínios do Saber. A Memória de Trabalho utiliza e processa dados armazenados nos outros dois tipos de memória (sensorial e permanente), não havendo teoricamente um limite à sua capacidade e caracterizando-se por funcionar em estado de consciência. A interação entre os vários tipos de memória pode representar-se pelo esquema seguinte:



Nível 1 – Recuperação da Informação

Consiste na ativação e transferência de saberes (detalhes e ideias organizadas) da memória permanente para a memória de trabalho, onde possam ser conscientemente processados.

Nível 2 – Compreensão

É o processo responsável pela tradução adequada do conhecimento armazenado na memória permanente, ou seja, os dados depositados na memória de trabalho, adquiridos por via da memória sensorial, não são guardados na memória permanente tal como foram percebidos. São antes interpretados e onde há lacunas na informação, a mente tratará de produzir as inferências necessárias tendo em vista definir um quadro lógico e completo da informação adquirida. Envolve dois processos: Síntese e Representação. Através da Síntese, o indivíduo identifica as características essenciais da informação, enquanto que pela Representação são criados símbolos, semânticos, imagens mentais ou sensações físicas, que representam a informação.

Nível 3 – Análise

Compreende cinco processos cognitivos que processando uma nova informação levam o indivíduo a visitar ciclicamente as suas aprendizagens, refinando-as ou alterando-as, e a criar novas formas de utilizar as suas aprendizagens face a novas situações. Esses processos cognitivos são a Comparação, Classificação, Análise de Erros, Generalização e Especificação. Através da Comparação são identificadas semelhanças e diferenças entre a nova informação e o saber previamente adquirido. Pela Classificação os novos conhecimentos são organizados em categorias significativas, sendo hierarquizados. Com a Análise de Erros é posto em prática o filtro da razoabilidade como base para aceitação da informação. Segue-se o processo de construção de novas generalizações (Generalização) a partir da informação previamente adquirida. Finalmente, pela Especificação são geradas novas aplicações duma conhecida generalização ou princípio.

É de notar que este nível da Taxonomia de Marzano engloba pelo menos três níveis da Taxonomia de Bloom: Análise, Síntese e Avaliação.

Nível 4 – Uso do Conhecimento

Compreende o conjunto de processos utilizados para o cumprimento de uma dada tarefa. Compreende quatro categorias: Tomada de Decisão, Resolução de Problemas, Pesquisa Experimental e Investigação. Se pela Tomada de Decisão são ponderadas as opções alternativas, pela Resolução de Problemas são ultrapassados os obstáculos que se interpõem no cumprimento da tarefa, pela Pesquisa Experimental são geradas e testadas as hipóteses explicativas de um dado fenómeno e pela Investigação são formulados argumentos lógicos que sustentam as hipóteses.

Nível 5 – Metacognição

Consiste na monitorização, avaliação e regulação do funcionamento de todos os processos de raciocínio. Compreende quatro funções: Especificação de Objetivos, Monitorização dos Processos, Monitorização da Clareza e Monitorização da Precisão. Através da Especificação de Objetivos o indivíduo estabelece objetivos claros para uma dada atividade sobre a qual ele decide envolver-se. Pela Monitorização dos Processos, o indivíduo monitoriza a eficácia de uma dada tática, algoritmo ou processo usado na prossecução dum objetivo. Finalmente a Monitorização da Clareza e da Precisão consiste no modo como o indivíduo monitoriza a sua

predisposição para abordar o conhecimento.

Nível 6 – Sistema Interno

Consiste num sistema interdependente de atitudes, crenças e sentimentos que determinam a motivação de um indivíduo para concluir uma tarefa. Há três fatores relevantes que contribuem para a motivação. São eles o exame da Importância, da Eficácia e da Resposta Emocional. Pelo exame da Importância o indivíduo reconhece a importância do novo saber para si próprio. Pelo exame da Eficácia o indivíduo determina a sua capacidade para concluir a tarefa com êxito, isto é, avalia a sua crença de que é capaz, de que possui recursos, capacidades e poder para adquirir uma nova competência. Finalmente o exame da Resposta Emocional implica analisar as emoções individuais face a um dado saber e o papel que estas emoções têm na motivação.

Conclusão

Esta Nova Taxonomia não deve de modo algum ser considerada um produto acabado. Antes pelo contrário, as investigações neste domínio, assim como em qualquer outro no âmbito das tecnologias educativas, vão evoluindo e como tal, os modelos vão-se adaptando. A virtude deste modelo passará, entre outros aspetos além dos já referidos ao longo do texto, pela integração de mecanismos tais como a motivação e metacognição, que não se referindo diretamente ao processamento do conhecimento têm todavia uma influência extraordinária no processo da aprendizagem. O desafio ao formador e gestor de formação passará por estabelecer objetivos também nesses domínios, visando eles sobretudo a motivação, autocrítica, atividade reflexiva e autonomização do formando face ao saber e à aprendizagem que afinal é um processo seu, unicamente seu e constituindo-se como chave de sucesso no desenvolvimento de competências.

Referências

LANDSHEERE, Viviane de; LANDSHEERE, Gilbert de. Definir Objetivos da Educação. 2ª ed. Lisboa: Moraes editores, 1977.

MARZANO, Robert J. – Designing a New Taxonomy of Educational Objectives. Thousand Oaks, CA, USA: Corwin Press Inc, 2001. ISBN 0-8039-6836-1

Ferraz, Ana; Belhot, Renato (2010). Taxonomia de Bloom: revisão teórica e apresentação das adequações do instrumento para definição de objetivos instrucionais. www.scielo.br/pdf/gp/v17n2/a15v17n2.pdf

Oliveira, P. (2007). Criando projetos: estrutura de raciocínio Taxonomia de Bloom: um novo olhar sobre uma velha corrente. [ftp://download.intel.com/education/Common/br/resources/DEP/skills/Bloom.pdf](http://download.intel.com/education/Common/br/resources/DEP/skills/Bloom.pdf)





Para lá da cerca

Breve caracterização das crianças e jovens de hoje

José Pereira Coutinho
Sociólogo – NÚMENA / ISCTE-IUL



Até ao século XVIII, a transição da infância para a vida adulta decorria continuamente: a criança passava a adulto sem fases intermédias. Com a diminuição paulatina do início da puberdade e com a transição para a idade adulta cada vez mais tardia, devido principalmente ao aumento da escolarização, surgiram a adolescência e a juventude. A passagem da infância à adolescência decorre do início da puberdade, mais cedo nas raparigas (10/11 anos) e mais tarde nos rapazes (12/13 anos), implicando diferenças comportamentais durante esta fase crítica. Para a Organização Mundial de Saúde, a adolescência decorre entre os 10 e os 19 anos e, para a Organização das Nações Unidas, a juventude decorre entre os 15 e os 30 anos, podendo então considerar-se que ambas se encontram dos 15 aos 19 anos.

O CNE, a maior organização juvenil portuguesa, tem cooperado, desde há quase noventa anos, para a educação das crianças, dos adolescentes e dos jovens de Portugal, estendendo-se o seu projeto educativo das crianças de 6 anos aos jovens de 22 anos. À luz do espírito escutista e animados pela fé cristã, aos escuteiros propõe-se o crescimento como pessoas maiores e cidadãos responsáveis. Neste breve artigo pretendo contribuir na compreensão das crianças, dos adolescentes e dos jovens atuais. A minha abordagem focalizar-se-á nas mudanças socioculturais em curso, que afetam todos estes escalões etários, pois à sociologia cabe diferenciar-se das outras ciências pelo estudo das mudanças nas sociedades modernas. Por estas transformações progressivamente mais aceleradas modelarem a personalidade juvenil, urge acompanhá-las em vista da otimização das respostas possíveis.

A sociedade portuguesa sofreu, ao longo das últimas décadas, alterações profundas na família e no lazer, capitais nas mudanças afetadas aos mais novos. Com a diminuição dos casamentos religiosos e com o aumento dos divórcios, dos casamentos sem registo e dos recasamentos, a família portuguesa modificou-se. Os pais têm os filhos mais tarde e têm-no em menor número. De famílias tradicionais, assentes no casamento religioso, na sua durabilidade e na existência de vários filhos, passou-se a famílias baseadas mais no casamento civil ou no casamento sem registo, na volatilidade afetiva e nas recomposições familiares, e na presença de poucos filhos, um a dois. À estabilidade e extensão tradicionais sucedeu a volubilidade e exiguidade atuais, conversão de repercussões profundas na educação juvenil.

Esta alteração na estrutura familiar reflete-se no jovem atual. Concentrando no seu filho 'herdeiro', ou nos dois filhos, toda a atenção, os pais, pensando generosamente em oferecer-lhes a fartura que eventualmente não tiveram, minam a substância de personalidades resilientes, aptas ao sacrifício e à renúncia. Daí termos jovens onde a pusilanimidade e a falta de iniciativa se mostram. Como bebés grandes, onde tudo lhes é oferecido e nada ganho, o valor das coisas ausenta-se, tornando-os prematuramente insatisfeitos. Paralelamente, a instabilidade familiar, aliada por vezes à distância parental, possivelmente por questões profissionais, torna-os reféns de afetos menos estáveis e consistentes. Esta irregularidade de amor e de carinho transforma-os em pessoas menos seguras e pouco confiantes. Ao mesmo tempo, sendo a socialização religiosa cada vez mais precária, pela desestruturação familiar, não só diminui a fé juvenil, pela quebra na transmissão religiosa, mas também enforma a educação juvenil em valores contrários à partilha e à dádiva, assentes no consumismo e no hedonismo.

E aqui poderá avançar-se para a questão do lazer, através do prazer, valor intrinsecamente associado ao jovem. A sexualidade juvenil, em resultado do maio de 1968 francês e da Revolução de abril de 1974, alterou-se drasticamente. A banalização das relações sexuais reforçam o egoísmo trazido da falha na educação familiar, em que o outro se vê como objeto e não como sujeito. A impaciência juvenil do querer tudo aqui e agora reflete-se e fortifica-se com esta ânsia do prazer físico, dificultando a prática da virtude da paciência, crucial na prática religiosa. Este desregramento afetivo catalisa-se pelas saídas noturnas, onde o álcool e, por vezes, as drogas se combinam, volatilizando a consistência de pensamentos e comportamentos adequados. Estes excessos repercutem-se tanto na capacidade física, como no caráter, tirando-lhes força e vontade e ficando assim sujeitos a influências nefastas.

Outro aspeto essencial na caracterização juvenil é a tecnologia de informação. Os computadores, os telemóveis, a Internet são ferramentas essenciais na vida juvenil, a que todos os jovens têm acesso, independentemente da condição sociocultural. O jovem pode aceder a informações sobre todo o género de assuntos em todas as partes do mundo. O jovem pode contactar com pessoas espalhadas pelo globo, gerando sociabilidades virtuais em detrimento de sociabilidades reais. Na verdade, estas implicam empenho e confiança, ao contrário daquelas, caracterizadas pelo descompromisso e pela volubilidade. Mais uma vez aqui se vê o bebé grande que pouco se compromete ou que pouco luta. E esta carência no empenho de



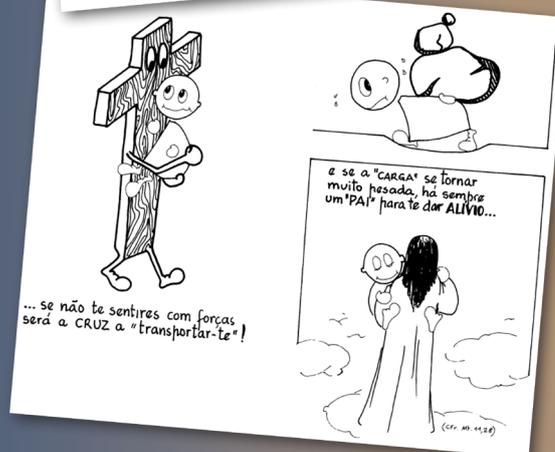
Quando rezares Um daqueles que disse sim História de um chamamento

Mariarosa Guerrini O.S.A., Gráfica de Coimbra, 1986

relacionamentos reais converte o jovem em ser enimesmado, com dificuldades na comunhão com os seus pares, na partilha de pensamentos, afetos e experiências, condicionando futuras relações conjugais sérias e estáveis, baseadas em projetos de vida comungados e comprometidos.

Por último, regista a centralidade do consumo no mundo juvenil. Tudo se consome: objetos, experiências, pessoas e o próprio Deus. Com a materialização do mundo e a conseqüente deificação da pessoa, Deus tornou-se desnecessário, um estorvo até, um apelo às boas consciências que para muitos urge apagar. Ele é tomado pelos jovens na medida em que serve os seus interesses. Deus não é servido ou seguido mas simplesmente consumido à medida do jovem. As pessoas também se convertem em peças no puzzle de interesses juvenis, na voragem devoradora do jovem egotista. E por ser altamente consumista, a insatisfação domina-o, pois a busca da novidade traça o seu caráter. Bebê grande, insatisfeito, sempre na busca de novos brinquedos ou entretenimentos, a religião só lhe oferece sentido na medida em que vá ao encontro de necessidades ou de desejos pessoais. Por isso, se observa hoje nos jovens a procura de experiências onde os sentimentos e as emoções se salientem, sejam as peregrinações, sejam as jornadas mundiais da juventude, seja a busca de líderes religiosos carismáticos como o papa João Paulo II. Eles não procuram Deus, não procuram o Seu conhecimento ou o diálogo com Ele, mas a maioria busca-se a si própria. Assim, fazer a Sua vontade é miragem cada vez maior, pois implica sacrifício e renúncia, princípios pouco conhecidos pelos jovens.

Provavelmente a maioria dos escuteiros não se enquadra no perfil acima descrito, porventura porque o CNE atrai jovens generosos, em busca de partilha, de sacrifício e de vivência cristã autêntica, ou porque, dentro da sua política educativa, vai insuflando valores cristãos, que animam e fecundam a vida dos seus jovens, transformando-os. Num mundo profundamente individualista, onde os laços sociais são progressivamente mais tênues, o CNE poderá ter papel relevante no desenvolvimento da coesão social, através da difusão dos valores da partilha e da real preocupação pelo próximo, independentemente das classes sociais. Acresce ainda a responsabilização na administração do bem comum, tanto da natureza, como criação divina, como da *res publica*, no empenho cívico e no compromisso pelo seu desenvolvimento equilibrado, sustentado e justo.





Depoimentos de Formadores

Os resultados esperados da formação concretizam-se em adultos preparados para a missão de Dirigente?

Cláudio Oliveira
Açor audaz

Aparentemente de resposta rápida, esta questão levanta, em si, outras duas questões: "Quais os resultados esperados da formação no CNE?" e "Quando está um adulto preparado para a missão de Dirigente do CNE?"

Quanto à primeira questão e relativamente à Finalidade da Formação, retiramos da Política de Recursos Adultos o seguinte:

"Os processos de Formação devem ter a aprendizagem como fim e considerar o ensino como um meio..."

Ou seja, que a Formação não é um fim em si mesmo mas um meio de alcançar a aprendizagem.

"...Devem desenvolver a capacidade de aprender a aprender, promovendo a autoaprendizagem como ferramenta que facilita a aquisição de capacidades..."

Ou seja, que a Formação não deve ser a transmissão de conhecimento estático e imutável, mas antes um estímulo à aprendizagem constante e à aquisição de novas capacidades.

"...e estimular a disposição de "desaprender e reaprender", condutas indispensáveis para a adaptação dos adultos aos jovens e à realidade em constante mutação."

Ou seja, que a formação deve estimular a adaptação do Dirigente em função das necessidades dos jovens e da realidade em constante mutação em lugar da aprendizagem de paradigmas que mais tarde não sirvam tais necessidades.

Daqui se conclui que é expectável que a Formação deixe o adulto preparado não só com alguns conhecimentos mas essencialmente com a apetência por continuar a aprender e a se adaptar a realidades diferentes.

Quanto à segunda questão, não se pode dizer que um adulto possa algum dia estar completamente preparado, ou completamente formado, para desempenhar as funções de Dirigente no CNE. Podemos antes dizer que o adulto se encontra preparado para continuar a sua formação e se adaptar a diversas realidades e necessidades.

Nesse sentido, podemos afirmar que o adulto está preparado para a missão de Dirigente, preenchidos os requisitos de perfil, quando demonstra capacidade de aprendizagem e especialmente autoaprendizagem, mas também quando evidencia que se consegue adaptar, dentro do mesmo âmbito, a diversas realidades.

Posto isto, reformulemos a questão inicial:

A Formação deixa um adulto preparado para a missão de Dirigente, dotando-o de grande capacidade de adaptação, de autoaprendizagem e apetência para a aquisição de novas competências, conhecimentos e atitudes, capazes de servir as necessidades dos jovens de hoje e os de um futuro próximo? Colocada desta forma a minha resposta à questão seria que não, embora admita opinião discordante com alguma razão.

Respondo que não porque penso que o modelo de formação atual não concretiza positivamente as expectativas da questão nem a finalidade firmada na Política dos Recursos Adultos.

Admito eventual razão em opinião discordante, porque as boas práticas implementadas em algumas Regiões têm, certamente, colmatado as falhas do processo formativo.

Parece-me que grande parte da preparação do Dirigente do CNE advirá sempre do contacto com a realidade e da experiência vivida no próprio Agrupamento e, portanto, não será possível que alguma vez consigamos preparar um Dirigente em apenas algumas sessões de contacto.

No sistema atual, a Formação contempla um período de estágio após as sessões presenciais mas demasiado curto tendo em conta as exigências da função de Dirigente do CNE.

Seria de esperar um maior contacto com a realidade por parte dos formandos, mas um contacto que fosse possível avaliar durante o período de Formação.

Verifica-se muitas vezes que os formandos colocam em prática aquilo que aprenderam durante a formação de forma a obter uma avaliação positiva, mas que pouco depois colocam esses conhecimentos de parte e trabalham de outra forma diferente.

Não quero com isto dizer que há má fé dos Formandos. Muitas vezes o que apreenderam não se adapta à sua realidade mas sentem-se moralmente obrigados a implementar o que apreenderam de forma a obterem avaliação positiva.

Um acompanhamento mais duradouro dos Formandos permitiria, por um lado, uma avaliação mais rigorosa de quem está a ser formado e um feedback dos resultados da implementação dos conhecimentos adquiridos, por outro. Isto tornaria o sistema formativo numa ferramenta bidirecional permitindo uma melhor perceção dos conhecimentos transmitidos, dos resultados da sua implementação e das necessidades atuais.

Estou consciente que o sistema que temos foi o melhor que encontramos em determinada altura e que achamos indicado para preparar, da melhor forma, os nossos Dirigentes. Contudo, sem fazer tábua rasa de tudo o que foi feito até agora, existem certamente coisas boas a manter e coisas menos boas a mudar. Penso que há duas ideias que fazem de nós um verdadeiro Movimento: a unidade na pluralidade e o saber quando temos de mudar.

Mas, tal como o Dirigente tem de se adaptar às necessidades dos Jovens e às diferentes realidades, também o sistema de Formação tem de se adaptar às necessidades dos Dirigentes e às diferentes realidades formativas. Por esse motivo todo o sistema formativo é neste momento alvo de reflexão e reconstrução e o CNE saberá, como é costume, encontrar o melhor caminho, aquele que sirva o principal objetivo do Movimento - a formação integral dos Jovens Escuteiros.





Pedagogia da Fé (Formação Cristã - CNE)

António Bento Duarte
Lobo dos Hermínios

Enquanto movimento da Igreja católica, e na perspetiva escutista de uma educação integral, o CNE (Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português) atraiçoa a sua missão de formar homens e cristãos se fizesse da pedagogia da Fé compartimento estanque no interior do movimento e do método que deve aplicar.

Um dos grandes pólos ou objetivos do CNE (Corpo Nacional de Escutas - Escutismo Católico Português) é o desenvolvimento espiritual dos jovens, é a descoberta do sentido de Deus para as suas vidas.

Isto deve estar muito claro na mente e no coração de todos os dirigentes, e deve constituir preocupação fundamental em todo o processo educativo do Escutismo.

É intuição profunda do fundador do Escutismo B. P., é exigência natural do ser humano, e é expressamente requerida pelos estatutos do CNE.

No Escutismo a Fé deve estar sempre presente durante todo o tempo e em qualquer lugar. Na verdade todos os elementos do método escutista permitem uma referência explícita à Fé.

Assim:

O ESCUTISMO É EDUCAÇÃO PELA AÇÃO.

- A Fé é prática; Fé sem obras é morta. Vive-se no momento das nossas ações.
- O Evangelho deve ser posto em atos.

EM CONTACTO COM A NATUREZA E COM O MUNDO.

- A Fé permite reconhecer na natureza a criação de Deus.
- A natureza fala-nos de Deus, eleva-nos para o Criador.
- E quem acredita nestas realidades pode transformar o mundo que Deus nos deixou para o trabalhar e modificar.

SUBORDINADO A UM IDEAL, REALIZADO POR UM PROJETO.

- A Fé é uma adesão pessoal a Cristo, ao seu projeto de Salvação.

VIVIDA EM GRUPOS.

- A Fé vive-se em comunidade.

ONDE TODOS TÊM UMA FUNÇÃO.

- As comunidades dos crentes ou fieis articulam-se na complementaridade dos dons: são o Corpo Místico de Cristo.
- Cada membro tem a sua função que deve ser exercida para bem de todos os membros.

E EXIGE UM COMPROMISSO VOLUNTARIO COM UMA LEI E UNS PRINCÍPIOS.

- A Fé vive-se em permanente compromisso de vida na aceitação voluntária de Jesus Cristo e das suas Bem-Aventuranças e do seu mandamento do amor.

Claro, se os dirigentes não assumirem e viverem, convictamente, as realidades cristãs e a Fé, este grande objetivo não será conseguido. Lucidamente diz B.P. que a religião “pega-se” pelo testemunho, exemplo e ações dos chefes.

Neste sentido, os chefes têm aqui um papel importantíssimo e uma responsabilidade grande na formação cristã dos jovens.



Técnicas

Moodle ou Muggle?

Nuno Silva
Grilo falante



Se hoje nos pedissem para nomearmos a sociedade em que vivemos, o mais provável era que a batizássemos como a sociedade do plástico, cujo domínio se tornou avassalador. Eventualmente a sociedade da eletrónica, muito devido aos aparatos que nos rodeiam e absorvem a mais rotineira das tarefas. Talvez como a do petróleo, que sofregamente é retirado dos confins do planeta numa continua transfusão de sangue negro.

Para mim, a sociedade contemporânea está marcada por, pelo menos, três características que a distinguem de todas as demais: Aceleração, Globalização e Desmaterialização.

Aceleração: Todos os produtos são de consumo hiper-rápido e têm um prazo de validade cada vez mais curto. São descartáveis e o que interessa é a forma, não o conteúdo e muito menos a substância. Quando compramos um telemóvel este já está desatualizado, as relações duram enquanto dura o prazer e a quantidade de tarefas que cada um tem de realizar durante um único dia tornou-se infinitamente superior às gerações anteriores.

Globalização: Podemos pedir uma coca-cola na China e no Quênia, podemos ouvir Rolling Stones na Coreia do Sul e no Malawi, os Tsunamis do Japão sentem-se nos Estados Unidos e todos, mesmo todos, já vimos pelo menos um dos desenhos da Disney.

Desmaterialização: Para além da descartabilidade dos objetos, a tendência para o virtual é inegável. Amigos do facebook, realidades virtuais, namoros cibernauticos. Criamos quintas na Internet e matamos terroristas sentados na mesa do nosso escritório enquanto dizemos palavões em Inglês para o nosso 'team mate' Esloveno. Oferecemos cartões de 'experiências' nos dias de aniversário e procuramos sensações cada vez mais radicais e diferentes. E quem ainda se lembra do Tamagotchi?

Numa sociedade com estas características, não é de estranhar que os contextos em que a transmissão de conhecimentos, atitudes e habilidades se efetuam se alterem radicalmente em relação aos modelos a que estávamos habituados. Assim, não foi com nenhuma surpresa que surgiram as primeiras plataformas de ensino à distância. E, quem diria, precisamente porque se pode aceder às mesmas em qualquer parte do globo, de forma muito mais rápida e, como não necessitam de qualquer recurso material por parte do dinamizador dos cursos, económica!

Muito recentemente foi aprovado um novo referencial do Curso de Formação Pedagógica Formadores do IEPF¹. Neste está já

contemplado um Módulo única e exclusivamente dedicado à exploração e aplicação destas plataformas no domínio da formação profissional (Módulo 7 – Plataformas Colaborativas e de Aprendizagem).

Também nós, o CNE, desde 2009 que contamos com uma das mais conhecidas, práticas e robustas plataformas de ensino à distância, o Moodle²!

Ora, o objetivo deste artigo não passa por vos contar a história do Moodle, nem tão pouco ensinar como se trabalha no mesmo, mas antes partilhar convosco algumas dicas, truques e regras que todos podemos utilizar para que a nossa plataforma (ou outra qualquer) passe a ser um verdadeiro local de encontro, partilha, discussão e diversão virtual. Ou seja, uma verdadeira sala de 'aula' virtual³!

O que devemos fazer:

- 1. Começar:** Nem que seja por curiosidade! Praticamente todas as escolas do nosso País utilizam esta plataforma! Os nossos rapazes estão mais do que habituados a utilizar plataformas de ensino e não lhes custará nada passar a utilizar uma similar nos escopeiros. Para as nossas formações, pode ser uma lufada de ar fresco e uma poupança significativa em termos de tempo, organização e dinheiro!
- 2. Experimentar:** Todos os recursos que lá estão disponíveis! Não se fique só pelo repositório de informação (habitualmente os manuais do curso, apresentações ppt e um ou outro documento importante). Crie questionários (testes de escolha múltipla, de completar, de emparelhamento), referendos (qual é a melhor altura para uma eucaristia? O que acham das raparigas dormirem na mesma tendo dos rapazes, se são da mesma equipa?), fóruns (piadas, técnicos, informações urgentes, de patrulha), Chats (de desafios, de esclarecimento de questões, temáticos), mails (podemos enviar para uma única patrulha, para os formadores, para os guias), grupos (patrulhas, formadores, guias... ©), trabalhos (peça para os formandos fazerem o upload dos TIA's no Moodle, lá deixarem os contactos dos seus Chefes de Agrupamento, colocarem os questionários prévios) ou lições (percursos formativos que podem terminar em textos ou paginas web de referencia, consoante o resultado obtido pelo formando). Para o

1. Disponível online em http://www.iefp.pt/formacao/formadores/formacao/ReferenciaisFormadores/Formacao/Documents/Referencial%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20Pedag%C3%B3gica%20Inicial%20de%20Formadores%202022_05_2012.pdf

2. Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment. Pode aceder ao nosso domínio (do CNE) em <http://www.moodle.cne-escutismo.pt/>

3. Ver caixa.





ajudar há inúmeros tutoriais disponíveis⁴.

3. **Regar:** Semanalmente! Tal como as plantas, as amizades e as nossas relações amorosas, também a nossa sala de 'aula' virtual necessita de ser alimentada com conteúdos e com desafios. O que é que eu costumo fazer?
 - a. **Filmes:** Vou colocando e atualizando filmes relacionados com o imaginário. À medida que vamos animando as várias UF's procuro filmes no Youtube e coloco-os nos fóruns para debate do grupo! O truque é ir colocando um de cada vez!
 - b. **Links:** Atualizados com alguma regularidade e sempre a propósito dos temas em debate. Também costumo colocar alguns de referência (patriarcado, missal, cliparts, IPJ, WOSM, etc). O truque é o mesmo do ponto anterior.
 - c. **Referendos:** Ou sobre temas mais 'quentes' ou pura e simplesmente de avaliação da satisfação da sessão que acabou. Não esquecer de divulgar os resultados!
 - d. **Calendário:** Coloco todas as datas no calendário! Os prazos definidos para a entrega dos trabalhos são colocados automaticamente, mas as reuniões de guias, as sessões presenciais ou o jantar de final de curso não!
 - e. **Trabalhos:** Coloco prazos limite apertados e sem possibilidade de entrega após a conclusão desse prazo! Assim, obrigo os formandos a serem cumpridores e, quando não o são, a terem de me telefonar para 'abrir' a plataforma a alargar o prazo ☺.
 - f. **Testes:** Avaliações diagnosticas, formativas ou sumativas... tudo é permitido e vai obrigando os formandos a, de vez em quando, terem de aceder à plataforma e a ver o que por lá se passa! Os enunciados dos Trabalhos Intercalares de Aplicação também são lá colocados no dia seguinte às sessões presenciais. Coloco sempre as notas visíveis para que eles vão acompanhando o seu progresso e, uma vez mais, sintam curiosidade

Um dos mais interessantes modelos de e-tutoria é o proposto por Gilly Salmon no ano de 2000. Esta autora considera cinco etapas relacionadas com a orientação dos alunos em ambientes de aprendizagem online. Este modelo pode ser aplicado à maioria das atividades previstas num curso de e-learning, desde a recolha da informação, resolução de problemas, preparação de tarefas, etc.:

1 - Acesso e motivação. Esta é fase do apoio técnico e do acolhimento ao curso. Deve-se receber e dar as boas vindas aos formandos; ajudar os mesmos a ultrapassar a ansiedade e alguma falta de confiança inicial. É a altura de explicar as regras de funcionamento do curso e o cronograma do mesmo. Se possível disponibilizar manuais de suporte.

2 - Socialização on-line. Fase de criação e formação do grupo. Deve-se encorajar o grupo a trabalhar de forma colaborativa, apoiando os formandos a participar nas atividades propostas e mostrar as suas potencialidades. O tutor deverá manter o apoio na utilização das funcionalidades e ferramentas disponibilizadas pela plataforma.

3 - Partilha de informação. É a etapa de maturação do grupo. Deve-se valorizar a partilha, ajudar a organizar a informação, estabelecer ligações, focar e resumir as temáticas em análise. É importantíssimo levar os formandos à reflexão. É a altura de solicitar tarefas mais exigentes para os formandos mais avançados, para que estes não desmotivem.

4 - Construção do conhecimento. Agora há lugar para a colaboração. Deve-se incentivar os formandos a aprenderem uns com os outros, confrontando-os nos seus pontos de vista. É necessário, nesta fase, fazer a ligação entre a teoria e a prática. Por vezes a tutor deve saber ficar "silencioso" dando espaço aos formandos para a construção do seu conhecimento.

5 - Desenvolvimento pessoal. É a etapa que conduz à autonomia. O formando torna-se autor, em vez de consumidor de informação. O papel do e-tutor é promover o pensamento crítico, levando o formando a refletir sobre o trabalho efetuado e a fazer um balanço individual das aprendizagens realizadas, das experiências do grupo e refletir sobre a sua progressão.

4. Um dos melhores está disponível em <http://moodlept.net.educom.pt/>



Técnicas

Moodle ou Muggle?

Nuno Silva
Grilo falante

em visitar a plataforma.

- g. **Fóruns:** Crio fóruns para além dos definidos por defeito! O das “piadas” é sempre bastante concorrido. Vou-o alimentando com anedotas, publicidades engraçadas, fotos divertidas. Crio fóruns de “patrulha” onde apenas esta pode ver o que lá é colocado. Crio outro para as “notícias urgentes” e outro ainda para “sugestões”! E que tal um com “desafios”?
 - h. **Fotos:** há um programa fenomenal⁵ que permite a passagem das fotos para um ficheiro ‘flash’ ao qual podemos adicionar música. Ótimo para colocar na nossa plataforma a seguir às sessões presenciais. Cria o hábito de lá ‘ir ver’ e permite uma série de comentários bastante engraçados! E é de borla!
 - i. **Textos \ documentos:** Não os coloco todos de uma única vez! Vou colocando à medida que as UF’s vão sendo animadas e de acordo com a importância \ pertinência dos temas. Ordeno os mesmos por ordem cronológica e crio pastas para cada sessão \ dia. Assim, volto a obrigar os meus formandos a ‘passarem por lá’...
4. **Esconder:** Tudo o que já foi visto ou que já está fora do prazo! O que é que ajuda aos nossos formandos o estar à vista de todos os questionários de diagnóstico da sessão prévia quando já estamos a trabalhar no relatório de estágio? Nada, pois não? Repare que dessa forma volta a obrigar os formandos a passarem pela plataforma com alguma regularidade para ‘gravarem’ o que querem. Isto para além de dar um aspeto bem mais sóbrio, cuidado e arrumado à sua sala de ‘aula’.
 5. **Responder:** Sempre, sempre, sempre! Talvez o mais importante de tudo seja isto mesmo! Quando um formado nos coloca uma questão, um comentário, uma piada num fórum, devemos sempre, mas mesmo sempre, reforçar positivamente o seu comportamento e dar-lhe um feedback! Nem que seja um pequeno ‘smile’. Só assim os formandos se sentirão reconhecidos e manterão uma atitude participativa e colaborativa. Se os votarmos à indiferença, não esperemos um comportamento diferente por parte deles. Este ponto implica também a correção dos exercícios solicitados em tempo útil, a monitorização dos seus trabalhos e o controlo dos prazos de entrega.
 6. **Embelezar:** Está mais do que provado que a beleza e harmonia das formas faz com que o ser humano sinta menos resistência à utilização de objetos, influenciando

positivamente a predisposição para a aceitação de eventuais falhas e erros na conceção do mesmo. Assim, comece por pedir a alguém da área do ‘design’ para lhe criar um logótipo para o seu curso e lhe faça ‘banners’ para cada uma das áreas. Procure, na medida do possível, colocar na sua plataforma fotos e desenhos alusivos ao imaginário. Utilize cores harmoniosas (o nosso Moodle não é nada feliz nisso) e complementares. Desta forma promove um espírito de grupo superior e dá um sinal de respeito, individualização e importância aos seus formandos difícil de igualar.

Em jeito de conclusão, e apesar das inúmeras desconfianças e desvantagens que um sistema de ensino / aprendizagem à distância pode apresentar, quando bem utilizado pode servir de um complemento bem interessante e potente. Para tal, nada melhor do que ir experimentado e perder algum tempo com a sua utilização. Rapidamente verificará que o seu tempo não foi perdido. Nem que seja para deixar de ser um Muggle!⁶

Bibliografia

- Duggleby, J., ‘Como ser um tutor online’, Monitor, Lisboa, 2002.
- Instituto para a Inovação na Formação, ‘Guia para a Conceção de Conteúdos de e-Learning’ IQF, Lisboa, 2003.
- Salmon, Gilly, ‘E-Moderating: The Key to Online Teaching and Learning’, Routledge, NY, 2011.



6. No mundo literário de Harry Potter são todos os seres humanos que, não tendo poderes mágicos, desconhecem por absoluto a existência de bruxos enquanto estes circulam no meio seu mundo. No mundo do ‘Geocaching’ são todos aqueles que não estão envolvidos na busca da ‘caixa’, desconhecendo o que os ‘geocachers’ estão a fazer. Pessoa que está a ‘leste’ do assunto.

5. <http://www.flash-slideshow-maker.com/>



FORMAR

Pedro Duarte Silva
Secretário Nacional Pedagógico

No primeiro fim-de-semana de Outubro, o CNE iniciou, em simultâneo, quatro cursos de formação para formadores: um curso de animadores de formação, dois cursos complementares de formação e um curso de diretores de formação. Ao todo, são 115 formandos que irão enriquecer, quantitativamente e qualitativamente o Quadro Nacional de Formadores.

Este é um forte e estratégico investimento da associação nos seus recursos adultos, pois formar formadores permite ampliar e reforçar a formação de dirigentes, elementos do método pedagógico que possibilita ao Escutismo cumprir a sua Missão.

E é disso mesmo que se trata. O CNE não investe na formação de mais 115 formadores ou diretores de formação para ter um efetivo de formadores maior, para ter mais portadores de Insignias de Madeira de 3 e 4 contas. Fá-lo porque quer – como sempre nos últimos quase 90 anos – cumprir – e cumprir bem – a sua Missão educativa.

E aqui, aos formadores e diretores de formação, estes novos e os demais que os antecedem, competem especiais responsabilidades. Compete-lhes formar os dirigentes que serão a parte adulta na relação educativa. Da sua preparação e qualidade resultará um melhor Escutismo, uma melhor educação não-formal das crianças e jovens que as famílias nos confiam.

Mas o que é ser formador?

Da lexicologia sabemos que formador (Lat. *formator*) pode ser tanto adjetivo (*que forma*) como substantivo (*aquele que forma*).

Nós, formadores do CNE, somos formadores adjetivo ou substantivo?

Formar pessoas não pode ser apenas dar forma, é mais; muito mais.

E, aqui, no CNE, dado o propósito educativo do movimento, formar tem de ser – inexoravelmente – muito mais do que dar forma.

Formar não é criar lenços verdes, é tornar pessoas capazes e dignas de envergar um lenço verde.

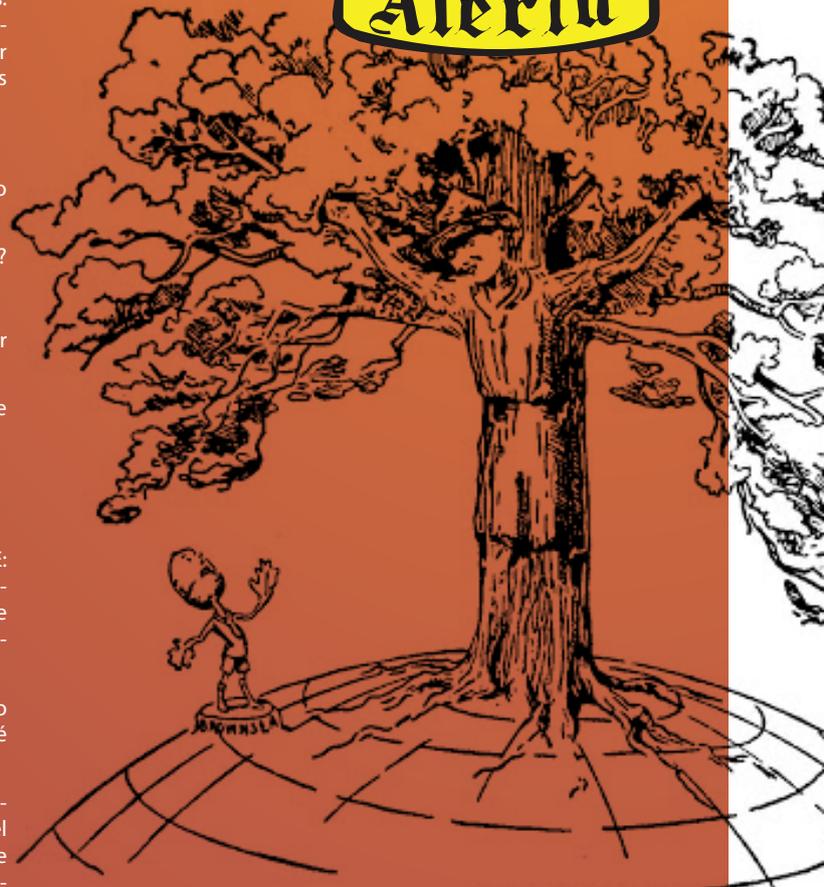
Formar é trabalhar conteúdos, é dar densidade, substância...

E para dá-la, há que tê-la!

Este é o nosso desafio quotidiano enquanto formadores do CNE: sermos formadores substantivos (i.e. com substância) para que possamos ser promotores de substância nos nossos formandos; porque o Escutismo Católico precisa de dirigentes com substância, de substância.

Neste Ano da Fé, iniciado a 11 de Outubro, aproveitemos o desafio e a oportunidade, e tomemos tempo para refletir que substância é esta...

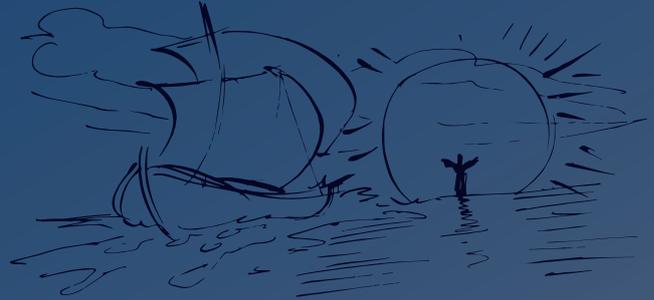
Nestes quase 90 anos do CNE, o Goodyear comemora com este número o seu segundo aniversário. Têm sido dois anos de uma aprazível leitura bimestral; leitura de uma publicação de qualidade na forma e excelência nos conteúdos. Também ele, na sua especificidade, cumpre o desiderato de promover o desenvolvimento pessoal dos nossos formadores, da sua substância...



Naquele tempo... 10 Perguntas sobre o Ano da Fé



ANO DA FÉ
2012-2013



No passado dia 11 de outubro teve início o Ano da Fé, convocado por Bento XVI. Mas de que se trata? O que deseja o Santo Padre? O que se pode fazer? Aqui vão as respostas a algumas perguntas que surgem.

1. O que é o Ano da Fé?

O Ano da Fé "é um convite para uma autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo". (*Porta Fidei*, 6)

2. Quando se inicia e quando termina?

Inicia-se a 11 de outubro de 2012 e terminará a 24 de novembro de 2013.

3. Porquê estas datas?

Em 11 de outubro coincidem dois aniversários: o 50º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II e o 20º aniversário da promulgação do Catecismo da Igreja Católica. O encerramento, em 24 de novembro, será a solenidade de Cristo Rei.

4. Porque é que o Papa convocou este ano?

"Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário, amplamente compartilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que já não é assim em grandes setores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas". Por isso, o Papa convida para uma "autêntica e renovada conversão ao Senhor, único Salvador do mundo". O objetivo principal deste ano é que cada cristão possa "redescobrir o caminho da fé para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo". (*Porta Fidei*, 2)

5. Quais os meios que o Santo Padre assinalou?

Como expôs na Carta Apostólica *Porta Fidei*: "intensificar a celebração da fé na liturgia, particularmente na Eucaristia"; dar testemunho da própria fé; redescobrir os conteúdos da própria fé, expostos principalmente no Catecismo; e ainda "intensificar o testemunho da caridade".

6. Onde terá lugar?

Como disse Bento XVI, o alcance será universal. "Teremos oportuni-

dade de confessar a fé no Senhor Ressuscitado nas nossas catedrais e nas igrejas do mundo inteiro, nas nossas casas e no meio das nossas famílias, para que cada um sinta fortemente a exigência de conhecer melhor e de transmitir às gerações futuras a fé de sempre. Neste Ano, tanto as comunidades religiosas como as comunidades paroquiais e todas as realidades eclesiais, antigas e novas, encontrarão forma de fazer publicamente profissão do Credo". (*Porta Fidei*, 8)

7. Onde encontrar indicações mais precisas?

Numa nota publicada pela Congregação para a doutrina da fé. (http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20120106_nota-anno-fede_po.html)

Aí se propõe, por exemplo:

- Encorajar as peregrinações dos fiéis à Sé de Pedro;
- Organizar peregrinações, celebrações e reuniões nos principais Santuários;
- Realizar simpósios, congressos e reuniões que favoreçam o conhecimento dos conteúdos da doutrina da Igreja Católica e mantenham aberto o diálogo entre fé e razão;
- Ler ou reler os principais documentos do Concílio Vaticano II;
- Acolher com maior atenção as homilias, catequeses, discursos e outras intervenções do Santo Padre;
- Promover transmissões televisivas ou radiofónicas, filmes e publicações, inclusive a nível popular, acessíveis a um público amplo, sobre o tema da fé;
- Dar a conhecer os santos de cada território, autênticos testemunhos de fé;
- Fomentar o apreço pelo património artístico religioso;
- Preparar e divulgar material de carácter apologético para ajudar os fiéis a resolver as suas dúvidas;
- Eventos catequéticos para jovens que transmitam a beleza da fé;
- Aproximar-se com maior fé e frequência do sacramento da Penitência;
- Usar nas escolas ou colégios o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica;
- Organizar grupos de leitura do Catecismo e promover a sua difusão e venda.





8. E no CNE – que podemos nós, Formadores, fazer?

Antes de mais caberá, a cada um de nós, recentrar Cristo na nossa vida e alimentar este encontro diariamente, num caminho de aprofundamento do conhecimento e da relação com Jesus Cristo. E porque este caminho é pessoal mas não solitário, um sem número de iniciativas estão ao nosso alcance:

- formar e integrar uma patrulha de Formadores que se dedique, ao longo deste ano, ao estudo da Palavra e à oração;
- organizar e implementar oportunidades de formação, no âmbito do Ano da Fé, de forma sistemática e progressiva, para os dirigentes do CNE;
- promover a realização de colóquios, tertúlias, conferências e outros, sobre os documentos conciliares, o catecismo da Igreja Católica e o Youcat;
- preparar material e criar dinâmicas sobre os patronos e modelos de vida, apresentando-os antes de mais, como verdadeiras testemunhas de fé, caminhos a seguir;
- reservar um espaço mais alargado em todos os cursos, e fazê-lo de modo bem preparado, para a formação na área da espiritualidade e para a oração.

9. Que documentos posso ler por agora?

- O motu próprio de Bento XVI “Porta Fidei” - http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei_po.html
- A nota com indicações pastorais para o Ano da Fé - http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20120106_nota-anno-fede_po.html
- O Catecismo da Igreja Católica - http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html

10. Onde posso obter mais informação?

Visita os sites:

annusfidei.va

<http://www.ecclesia.pt/index.shtml>



Quem fez o Goodyear nestes dois anos

Equipa Goodyear

20

ANIVERSÁRIO



Desde a edição 0, datada de setembro de 2010, que ficou claro que esta newsletter Goodyear era dos Formadores e para os Formadores. Ao longo destes dois anos, alguns de nós quiseram fazer partilha através de palavras, saberes e experiências. Também de fora do CNE tivemos contributos muito importantes que, pelo seu teor, contribuem para uma melhor missão nossa. A par da qualidade dos textos, o trabalho gráfico a cargo de Pedro Botelho contribui de forma decisiva para que este seja um projeto ganho. A equipa responsável por esta newsletter deixa a todos palavras de reconhecimento e gratidão. E continua a contar convosco...

Pedro Duarte Silva Secretário Nacional Pedagógico
Pe. Rui Silva Assistente Nacional
Olga Cunha Serviços Centrais
Pe. Renato Poças Assistente Regional do Porto

José Vicente Região dos Açores

Cláudio Oliveira Região do Algarve
Silvério Conceição Região do Algarve

Manuel Santos Região de Aveiro

Rui Palma Região de Beja

Ernesto Machado Região de Braga
Fernando Veiga Região de Braga
Hermenegildo Almeida Região de Braga
José Carlos Ferreira Região de Braga
José Salgado Região de Braga

António Bento Duarte Região da Guarda

António Silva Região de Lamego

Pedro Ascenso Região de Leiria
Pedro Simões Região de Leiria

António Rendeiro Região de Lisboa
Henrique Dias Região de Lisboa
João Quintas Região de Lisboa

Jofre Pereira Região de Lisboa
Nuno Silva Região de Lisboa

Lia Oliveira Região da Madeira

José dos Santos Mendes Região de Portalegre e Castelo Branco

Carlos Nobre Região do Porto
Fernando Andrade Região do Porto
Joana Teixeira Região do Porto
José Carlos Pinheiro Região do Porto
José Teixeira Região do Porto
Matilde Santos Região do Porto
Rui Francês Região do Porto

Lurdes Gameiro Região de Santarém

João Costa Região de Setúbal

Pedro Cruz Região de Viseu

Juan Ambrosio
Francisco Rijo
Prof. José Carlos Carvalho
D. Jorge Ortiga
Prof. João Duque
José Emídio
Francisco Sarsfield Cabral
José Pereira Coutinho
Acácio Rouxinol

A todos aqueles que ainda não participaram, aqui fica o desafio:

*não sejas espectador, torna-te protagonista;
não sejas mero assistente, torna-te interveniente;
não contribuas para a divisão,
torna-te construtor de comunhão!*



CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
Escutismo Católico Português



Equipa Nacional dos
Adultos

www.cne-escutismo.pt

GoodyearNEWS

Equipa Goodyear:

Carlos Nobre, Matilde Santos,
José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.
Design gráfico: Pedro Botelho

goodyear@cne-escutismo.pt

Colaboraram nesta edição:

António Bento Duarte (Região da Guarda)
Carlos Nobre (Região do Porto)
Cláudio Oliveira (Região do Algarve)
Francisco Rijo
Nuno Silva (Região de Lisboa)
Pedro Duarte Silva (SNP)
E a participação especial de José Pereira Coutinho –
Númena / ISCTE-IUL
Capa - Acácio Rouxinol

